

# USBEK NO HARÉM DAS *CARTAS PERSAS*, DE MONTESQUIEU

CHAUVEL, Thaïs<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma análise da personagem de Usbek, principal epistológrafo das *Cartas persas*, concentrando-se na compreensão e interpretação de sua atuação no que diz respeito ao chamado “romance do serralho”, isto é, o conjunto temático das cartas que se referem à trama do harém persa abandonado por Usbek. Num primeiro momento, faz-se um levantamento das cartas cuja autoria é atribuída a Usbek verificando que a produção de missivas relativas ao harém é enxuta se comparada às demais epístolas de Usbek, o que poderia ser interpretado como uma marca de indiferença ou então de impotência. Num segundo momento, a proposta é analisar o discurso de Usbek no que se refere ao serralho demonstrando em que medida esta personagem atua de maneira despótica em seu próprio harém. A partir daí, mostra-se como o descompasso entre a fala e as atitudes de Usbek revela o abismo existente entre as ideias teóricas e suas aplicações práticas. Nesse sentido, as contradições de Usbek evidenciam como é difícil agir de acordo com seus ideais. Por fim, este artigo analisa a relação de Usbek com o exílio e o modo como ele encerra sua participação neste romance de Montesquieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cartas persas*, romance do serralho, Usbek, despotismo, exílio.

## USBEK DANS LE SÉRAIL DES *LETTRES PERSANES*, DE MONTESQUIEU

---

<sup>1</sup> Thaïs Chauvel é Mestra em Letras pela Universidade de São Paulo, onde defendeu sua dissertação sobre as *Cartas persas*, de Montesquieu, em abril de 2018. E-mail para contato: [thais.chauvel@usp.br](mailto:thais.chauvel@usp.br).

**RÉSUMÉ :** L’objectif de cet article est d’analyser le personnage d’Usbek, principal épistolier des *Lettres persanes*, en se penchant sur la compréhension et l’interprétation de son rôle au sein du “roman du sérail”, ensemble de lettres portant sur l’intrigue du sérail. Dans un premier temps, cette étude propose un recensement des lettres attribuées à Usbek dans le but de démontrer que sa production relative au sérail représente une petite partie de sa contribution dans l’ensemble de l’oeuvre, ce qui pourrait être interprété comme une marque d’indifférence ou bien d’impotence. Dans un deuxième temps, on entend analyser le discours d’Usbek en ce qui concerne son sérail afin de comprendre dans quelle mesure il y agit de façon despotique. Sur ce, on entend alors démontrer comment la différence entre la parole et les actions d’Usbek révèlent l’abîme qui existe entre la théorie (les idées) et la pratique (l’action). Dans ce sens, les contradictions de ce personnage permettent de montrer qu’il est difficile d’agir de façon cohérente avec ses propres principes. Pour finir, cette étude se penche sur la question de l’exile d’Usbek en analysant la façon dont il conclut sa participation dans ce roman de Montesquieu.

**MOTS-CLÉS :** *Lettres persanes*, roman du sérail, Usbek, despotisme, exile.

O presente artigo dedica-se à análise da personagem Usbek, considerada a personagem principal das *Cartas persas* (1721). De fato, Usbek é de longe o maior epistológrafo dessa obra de Montesquieu: ele é o autor fictício de 75 das 161 cartas que compõem esse romance epistolar ao passo que Rica, personagem que escreve o maior número de missivas depois de Usbek, expede somente 49 epístolas – ou seja, 26 cartas a menos que Usbek. Além disso, note-se ainda que Usbek não só é o autor mais prolífero das *Cartas persas*, como ele também é aquele que recebe o maior número de cartas: 47, no total. Sendo assim, das 161 cartas do romance, 122 contam com a participação de Usbek, seja enquanto autor seja enquanto receptor das missivas em questão. Nossa proposta aqui não é analisar todas as 75 cartas cuja autoria se atribui a Usbek, mas concentrar-nos principalmente no estudo das cartas que ele destina ao seu harém abandonado na Pérsia, com o intuito de desvelar tanto seu papel quanto a função que desempenha essa personagem no desenrolar da trama oriental das *Cartas persas*.

Nesse ponto, convém lembrar que a crítica denominou as cartas referentes à intriga do harém de “romance do serralho” (em francês, *roman du sérail*). A respeito da palavra “serralho”, vale dizer que, em francês como em português, tornou-se sinônimo de “harém” e é nesse sentido que ambas serão empregadas neste artigo, assim como foram na maioria das publicações a respeito das *Cartas persas*. Contudo, tendo

em vista que o uso indistinto dessas palavras decorre de uma confusão secular envolvendo-as, cabem aqui alguns apontamentos esclarecendo um pouco essa questão. Se é verdade que o significado destas palavras se confunde desde o século XVI, é válido observar primeiro que, a despeito do uso generalizado de ambos os termos no século XVIII, Montesquieu emprega exclusivamente a palavra “*sérail*” em suas *Cartas persas*. Da mesma forma, a tradução brasileira da obra, optou por utilizar a palavra “serralho”, também de maneira exclusiva. Note-se agora que tanto “*sérail*” quanto “*serralho*” derivam do italiano “*serraglio*” derivado do termo “*sarayî*” que, em turco otomano, designa o palácio do sultão. Já a palavra “harém” (“*harem*”, em francês) provém do termo “*haram*” que, na prática, designava os apartamentos das mulheres situados no interior do serralho, que era palácio do sultão. Uma vez que esta distinção está claramente posta aqui e que já se enfatizou o emprego exclusivo do termo “serralho” por Montesquieu, o presente artigo empregará ambos os termos “serralho” e “harém” como sinônimos assim como se empregou nas demais publicações sobre as *Cartas persas*, com o intuito de evitar o uso repetitivo e exaustivo de “serralho”.

O chamado “romance do serralho” se refere ao conjunto temático correspondente à trama do harém de Usbek, e representa cerca de um quarto das *Cartas persas*. Usbek, dono de um harém, é forçado a exilar-se na Europa para escapar de um déspota persa abandonando na Pérsia seu serralho, deixando suas esposas sob a guarda de seus escravos eunucos. A partida de Usbek, revela progressivamente toda a perversidade da instituição do serralho, que enclausura mulheres e eunucos, privando-os de liberdade. Assim, à medida que a ausência de Usbek se estende por mais de nove anos, a situação no serralho se degrada, culminando no massacre dos principais integrantes do harém, evento trágico com o qual se encerram as *Cartas persas*. O objetivo do presente artigo não é analisar o funcionamento do dispositivo romanesco do “romance do serralho”, mas estudar de maneira detida e aprofundada a personagem de Usbek, com o intuito de interpretar sua atuação no dito “romance do serralho”.

A quantidade de cartas endereçadas ao harém já constitui um elemento digno de nota para a análise, afinal, Usbek – autor de 75 missivas – escreve apenas treze cartas referindo-se ao serralho: dentre as quais cinco são destinadas às mulheres, cinco aos eunucos que as guardam, e três são endereçadas a Nessir, seu silencioso confidente

no que diz respeito aos assuntos do harém. Diferentemente das demais personagens que participam da trama do harém, as cartas relativas ao chamado “romance do serralho” constituem uma parte relativamente modesta da produção escrita de Usbek, representando somente 17% da totalidade de suas missivas. Vale lembrar que tanto os eunucos, quanto as mulheres são personagens exclusivas do “romance do serralho”, aparecendo nas *Cartas persas* unicamente dentro do quadro ficcional específico da intriga do harém. Já Usbek, participa das mais diversas discussões, apresentando múltiplas facetas que, por mais interessantes que sejam, não serão todas desdobradas aqui, pois fugiriam ao propósito deste artigo que pretende concentrar-se na análise da atuação de Usbek no âmbito do serralho. Reitera-se, portanto, que o que se propõe aqui não é a análise minuciosa desta complexa personagem à qual se poderia dedicar uma dissertação inteira, mas operar um recorte dentro do qual se observa o desenvolvimento de Usbek na intriga do “romance do serralho” com a finalidade de depreender o significado de tal atuação. Ainda assim, quando pertinente, se fará eventualmente referência a alguma outra carta de sua autoria para esclarecer certos pontos.

Observa-se que, a despeito das preocupações relatadas por Usbek em sua carta 6 a Nessir (datada de junho de 1711), constam poucas cartas com recomendações aos eunucos. De fato, além da carta 2, datada de 18 de abril de 1711, contendo as instruções iniciais destinadas ao Primeiro eunuco, só consta a carta 20 (21) de represália ao chefe dos eunucos brancos, esta última datada de 12 de janeiro de 1712. Em seguida, entre janeiro de 1712 e fevereiro de 1718, passam-se mais de seis anos sem que se tenha notícia de uma missiva de Usbek endereçada aos eunucos. A partir de dezembro de 1714, Usbek também não envia mais cartas às suas esposas, permanecendo assim em silêncio até a violenta carta de represália em 4 de outubro de 1719 – a missiva 146 (154), por meio da qual lhes anuncia que Solim é doravante o Primeiro eunuco do serralho, “*non pas pour vous garder, mais pour vous punir*”<sup>2</sup> (146 [154]: 398). Essa escassez de cartas – exacerbada pela forma como são reagrupadas todas as epístolas de 1717 a 1720 compondo o desfecho trágico do “romance do serralho” – pode ser interpretada como uma falta de interesse de Usbek para com seu serralho.

---

<sup>2</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “não para vos guardar e sim para vos punir” (2005, p. 225).

Dentro dessa perspectiva, cumpre observar que a demora do mestre em responder à carta de seu escravo Pharan (40 [42]) já apontava, em 1713, para um certo desinteresse de Usbek no que diz respeito aos assuntos relativos ao harém. Com efeito, a resposta de Usbek é enviada seis meses e dezoito dias após a carta 40 (42), o que constitui, portanto, o maior intervalo da obra já que o tempo de resposta é normalmente de cinco meses e meio. O crítico Jean-Paul Schneider interpreta a demora de Usbek como um sinal de indiferença ou desinteresse, por parte do mestre em tratar de tais questões (SCHNEIDER, 2000, p. 133).

Tendo isso em vista, percebe-se que é somente quando recebe a carta 139 (147), na qual o grande eunuco negro descreve a desesperadora situação do harém fora de controle (datada de setembro de 1717), que Usbek lhe envia novas instruções – feito inédito desde a carta 2. Ocorre que sua carta 140 (148) – datada do dia 11 de fevereiro de 1718 – é, ironicamente, uma carta “morta”, pois o Primeiro eunuco falece dois dias antes de recebê-la e o velho eunuco Narsit, que o substituiu, não ousa abri-la.

Sendo assim, Usbek reescreve, em 25 de dezembro de 1718 (dia de natal), uma segunda carta ordenando a Narsit que leia e execute suas ordens urgentes: “*lisez-les donc ces ordres, et vous périrez si vous ne les exécutez pas*”<sup>3</sup> (142 [150]: 394). Ora, esta sangrenta missiva de Usbek não obtém efeito algum, uma vez que a carta 142 (150) se perde – permanecendo assim também uma carta “morta”. Com efeito, Narsit relata, em 144 (151) (datada de maio de 1719), que essa carta de Usbek se perdeu: “*Quelques marchands arméniens nouvellement arrivés à Ispahan avaient apporté une de tes lettres pour moi; j’ai envoyé un esclave pour la chercher; il a été volé à son tour*”<sup>4</sup> (144 [152]: 397). Note-se como esse relato evasivo de Narsit carece de detalhes: diz apenas que “um escravo” anônimo foi buscá-la e “foi roubado” – vale atentar para o uso da forma passiva – por alguém desconhecido no caminho de volta, de modo que a carta se perdeu. Nada mais é dito a respeito da carta desaparecida, mas, tendo em

---

<sup>3</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Trata então de ler estas ordens, e mandarei matar-te se não as cumprires” (2005, p. 219).

<sup>4</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Alguns comerciantes armênios, recém-chegados a Ispahan, traziam uma carta tua para mim; mandei um escravo buscá-la; mas ele foi roubado quando tornava a casa” (2005, p. 221).

vista o contexto de desordem que o harém de Usbek atravessa, parece um tanto suspeito que essa importante missiva do mestre tenha desaparecido justo nesse momento.

Diante das circunstâncias ambíguas deixadas em aberto pela narrativa lacunar de Narsit, é possível questionar se o escravo incumbido de buscar a dita carta não possa tê-la ocultado propositadamente, ou ainda, se o ladrão da carta não a furtara a mando de alguém – quem sabe a mando do amante de Roxane, o tal jovem cuja presença ilícita no harém fora evocada por Narsit na carta 141 (149), provável autor da misteriosa carta encontrada anteriormente pelo falecido Primeiro eunuco (na carta 139 [147])... É possível que seja simplesmente, conforme sugere o relato de Narsit, um terrível golpe do acaso, uma trágica coincidência ocorrida num momento particularmente inoportuno para Usbek. Como nenhum elemento do texto permite determinar do que se trata ao certo, isso fica a critério da imaginação do leitor.

Convém recapitular agora que, dentre as cinco cartas enviadas por Usbek aos eunucos, duas são dadas como “mortas”. Contudo, vale observar que, se o conteúdo destas cartas não produz o efeito desejado por Usbek em seu harém, elas figuram, ainda assim, no desfecho das *Cartas persas* – o que significa que elas têm sua importância no desenlace final. De fato, embora tais cartas nunca alcancem o destinatário fictício (o eunuco) a quem estavam endereçadas, o leitor tem acesso ao discurso de ambas, testemunhando o desespero crescente de Usbek, consciente de que “*il se passe des choses horribles*” (142 [150]: 394)<sup>5</sup> no serralho, mas impossibilitado de agir à distância.

Dessa forma, a perda de suas cartas, ressalta a dificuldade – ou, melhor dizendo, impossibilidade – de governar-se à distância. Isso se deve, em parte, à lentidão do comércio epistolar, que se revela com o tempo tragicamente incompatível com a lógica instantânea do despotismo, conforme assinala Christophe Martin, a demora “se revela perfeitamente contraditória com a economia despótica da instantaneidade” (MARTIN, 2013: 18, tradução nossa). Ora, a trágica ironia é que Usbek espera em vão que suas imperiosas missivas tenham a velocidade e o impacto de um raio: “*puisse*

---

<sup>5</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “acontecem no serralho coisas horríveis” (2005, p. 219).

*cette lettre être comme la foudre qui tombe au milieu des éclairs et des tempêtes!*<sup>6</sup> (145 [15]: 398, grifos nossos). Acerca da metáfora do raio, a edição erudita das *Cartas persas* anota que ele é uma “imagem comum ao despotismo político, doméstico e religioso” (OC I, 2004, p. 181, nota 1, tradução nossa). Desse modo, as “cartas mortas” de Usbek – mortas apenas para as personagens do harém, mas não para o leitor – evidenciam o “hiato irônico entre a fala do poder e o poder da fala” (MARTIM, 2013, p. 19, tradução nossa). Assim, o poder absoluto de Usbek, mestre de um harém no qual não vive, se limita ao único poder do discurso e, portanto, ao discurso do poder. Embora queria que sua fala seja “soberanamente persuasiva”, como se tivesse o poder “de realizar aquilo que ela profere” (MARTIN, 2013, p. 19, tradução nossa), suas cartas não passam de palavras vãs que não serão lidas pelas personagens a quem estavam destinadas, apenas pelos leitores que se dão conta de toda a impotência do imperioso discurso de Usbek. Com isso, se torna visível o abismo – não raro ignorado – que existe entre as palavras e a ação.

Através da trajetória de Usbek no desenvolvimento do “romance do serralho”, as *Cartas persas* tecem uma reflexão sobre o trágico descompasso que pode haver entre a teoria e a prática. Com efeito, no âmbito teórico, o filosófico Usbek é capaz de admiráveis raciocínios metafísicos acerca da Justiça, mas se revela incapaz de aplicá-los em sua existência doméstica. De fato, Usbek teoriza a respeito da justiça sob diversas formas. Por meio da célebre fábula dos Trogloditas – que se estende da carta 11 a 14 –, Usbek demonstra como o homem que se preocupa unicamente com seus interesses pessoais comete forçosamente injustiças. No entanto, ele não hesita, na prática, em colocar seus próprios interesses acima dos demais, cometendo assim injustiças tanto com as mulheres, que aprisiona, quanto com os escravos, que mutila. Assim, “Usbek, que sabe que os homens se tornam injustos assim que ‘preferem sua própria satisfação à de outrem’, é ele mesmo incapaz de perceber sua própria injustiça”<sup>7</sup> (STAROBINSKI, 1989, p. 120, tradução nossa).

---

<sup>6</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Chegue esta carta como o raio que cai em meio aos relâmpagos e à tempestade!” (2005, p. 221).

<sup>7</sup> No original: “*Usbek qui sait que les hommes deviennent injustes dès qu’ils ‘préfèrent leur propre satisfaction à celle des autres’, est lui-même incapable d’apercevoir sa propre injustice*”.

No plano teórico, Usbek sabe que “*dans un État les peines plus ou moins cruelles ne font pas que l’on obéisse plus aux lois*”<sup>8</sup>, afirmando a Rhédi que “*dans les pays où les **châtiments** sont modérés, on les craint comme dans ceux où ils sont tyranniques et affreux*”<sup>9</sup> (78 [80]: 235, grifos nossos). A despeito disso, ele ordena ao Primeiro eunuco o seguinte: “*courez d’appartements en appartements porter les **punitions** et les **châtiments**; que tout vive dans la consternation; que tout fonde en larmes devant vous;*”<sup>10</sup> (140 [148]: 393, grifos nossos). Ao criticar os estados despóticos, como a Turquia, a Pérsia e a Mongólia, Usbek declara ainda que “*je remarque au contraire **une source d’injustice** et de vexations au milieu de ces mêmes États. Je trouve même le **prince qui est la loi même moins maître que partout ailleurs***”<sup>11</sup> (78 [80]: 235, grifos nossos). Nos estados despóticos – nos quais se enquadra seu serralho (mas Usbek parece ignorar isso) –, ele também observa que “*le désespoir même de l’impunité confirme le **désordre** et le rend plus grand*”<sup>12</sup>, de tal forma que “*il ne faut point que les grands événements y soient préparés par de grands causes; au contraire, le moindre accident produit une grande révolution, souvent aussi imprévue de ceux qui la font que de ceux qui la subissent*”<sup>13</sup> (78 [80]: 236, grifos nossos). Desse modo, Usbek prevê, e de certa forma até antecipa – ao menos no plano das ideias –, a desordem e a revolução que ocorrerão em seu serralho ao final das *Cartas persas*.

Com a atuação de Usbek no “romance do serralho”, o livre pensador no mundo das ideias se revela, na prática, um tirano doméstico. Ele é, portanto, um exemplo

---

<sup>8</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “não é acentuando a crueldade das penas que se garante a maior obediência às leis” (2005, p. 119).

<sup>9</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Nos países onde as punições são moderadas, os súditos as temem tanto quanto naqueles Estados onde são tirânicas e atroz” (2005, p. 119).

<sup>10</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “vai de aposento em aposento como o emissário das punições e dos castigos. Que tudo viva consternado; que tudo se faça lágrimas só de ver-te” (2005, p. 218).

<sup>11</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Ao contrário: noto, justamente nesses Estados, uma fonte permanente de injustiça, de humilhações. E percebo que o príncipe, que encarna a lei, na verdade tem menos poder que nos demais Estados” (2005, p. 120).

<sup>12</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “é precisamente o desespero causado pela impunidade que confirma e agrava a desordem” (2005, p. 120).

<sup>13</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “neles [estados despóticos] os grandes acontecimentos não precisam decorrer de grandes causas; ao contrário: o menor acidente já provoca uma grande revolução, muitas vezes tão imprevista para quem a promove como para quem a sofre” (2005, p. 120).

gritante da “separação entre o domínio da reflexão e o dos atos”<sup>14</sup> (STAROBINSKI, 1989, p. 120, tradução nossa), que demonstra o abismo imenso que pode haver entre o agir e o pensar. Muito embora suas cartas de cunho filosófico elaborem reflexões próprias ao Iluminismo que as *Cartas persas* inauguram na França, Usbek “jamais coloca em discussão a legitimidade de sua dominação” sobre suas mulheres e seus guardas (STAROBINSKI, 2001, p. 105). Com efeito, verifica-se que, em momento algum, ele questiona o aprisionamento das mulheres, nem mesmo a condição de mutilação dos eunucos, feridos em sua integridade física e moral. Dessa forma, percebe-se que, para Usbek, “o universo da sexualidade permanece escravizado a um antigo sistema de autoridade” (STAROBINSKI, 2001, p. 107). Sendo assim, entende-se que Usbek acumula duas funções contraditórias: ele é o observador lúcido e sensato do Ocidente e também o proprietário ciumento e autoritário de um serralho no Oriente.

Essa dimensão paradoxal de Usbek, embora tenha surpreendido leitores das *Cartas persas* ao longo dos séculos, não deve ser interpretada como uma “falha” de Montesquieu no maquinário ficcional de sua obra. Na verdade, essa contradição, como bem observa Jean Starobinski, “tem valor de ensinamento”, uma vez que “a contradição entre os gostos intelectuais de Usbek e seu comportamento privado é portadora de sentido” (STAROBINSKI, 200, p. 106). Ao perpetuar a submissão dos integrantes de seu harém, Usbek age como um “representante fiel dos costumes domésticos da Pérsia” (STAROBINSKI, 2001, p. 105), isso porque ele foi criado e formado num dado momento dentro de uma determinada cultura que segue um ensinamento religioso tradicional. Dessa forma, por mais que tenha o sincero desejo de viajar para ampliar os limites de seu conhecimento, Usbek se insere num contexto histórico e religioso muito específico do qual não consegue desprender-se por completo. Assim, suas contradições mostram que “ninguém escapa à necessidade de partir de um ponto de vista imposto pela história e pela educação” (STAROBINSKI, 2001, p. 108), o que demonstra que, no fim das contas, até mesmo o relativismo é relativo.

---

<sup>14</sup> No original: “*exemple d’une séparation persistante entre le domaine de la réflexion et celui des actes*”.

A ideia por trás da trama das *Cartas persas* pressupõe justamente que os franceses, por estarem inseridos em uma cultura com a qual já estão habituados, não percebem a estranheza de seus curiosos costumes. Por conta disso, recorrem às personagens “persas” que, por serem observadores distantes, seriam capazes de criticar a sociedade francesa. Segundo sintetiza Tzvetan Todorov, a ideia é que “as ligações, as justificativas, os hábitos tornam as coisas banais e assim as subtraem ao exame crítico”<sup>15</sup> (TODOROV, 1983, p. 305, tradução nossa) e isso também vale para Usbek com relação ao seu serralho. Tendo isso em vista, a célebre indagação das *Cartas persas*, “*comment peut-on être Persan?*”, adquire mais um sentido. Por meio dela, pergunta-se também como é possível ser filósofo (*Philosophe*), isto é, como é possível colocar-se à distância de modo que o exame crítico de uma determinada situação seja possível. “Como é possível ser Persa?” equivale, assim, a “como é possível ser filósofo?”. Ou seja, como é possível ter um olhar distante, capaz de observar, analisar, criticar e tecer conclusões relativas aos hábitos, aos costumes, à justiça e à política do universo cultural ao qual se pertence?

Usbek é cego no que diz respeito ao serralho, não só porque ele é impossibilitado – pela distância – de visualizar o que acontece dentro das “portas fatais” (2, p. 66) de seu harém, mas também (e principalmente) porque está demasiado acostumado à instituição do serralho e às injustiças que ela perpetua. Sendo assim, a personagem de Usbek, ávida de conhecimento, ilustra através do papel que exerce em seu harém “uma verdade muito frequentemente subestimada: que é inevitável situar-se em um ponto de vista particular” (STAROBINSKI, 2001, p. 108). Assim, Usbek, autor de notáveis observações críticas sobre a França, é incapaz de analisar com clareza sua própria cultura, na qual se insere a instituição milenar do serralho. Além de perder a capacidade, que tem na Europa, de observar com recuo – ou seja, de ser “Persa” –, Usbek é confrontado a uma segunda dificuldade, que talvez seja ainda maior, que consiste em passar da ideia abstrata à concretude do ato. Uma primeira coisa é refletir sobre o despotismo a partir de exemplos distantes (como a Mongólia, a Turquia e até mesmo a Pérsia do Príncipe) e concluir que essa forma de governo é ruim; uma segunda coisa é perceber

---

<sup>15</sup> No original: “*les liaisons, les justifications, les habitudes rendent les choses banales et par là les soustraient à l’examen critique*”.

que ele mesmo se comporta como um verdadeiro déspota em seu próprio harém; e uma terceira coisa é ser capaz de reformar seu governo para mudar isso.

Alguns críticos questionaram a ignorância de Usbek<sup>16</sup> perguntando-se em que medida ele seria de fato ignorante no tocante à realidade do serralho, avançando que ele talvez fosse simplesmente incapaz de modificar esta instituição histórica e religiosa. É uma pergunta válida, porém, não há elementos suficientes nas *Cartas persas* que permitam responder a essa questão. O fato é que, ao longo da obra, Usbek não verbaliza nenhuma inquietação filosófica que coloque em questão a legitimidade da instituição do harém (criticando apenas a poligamia), nem a submissão das mulheres ou a escravização e mutilação dos eunucos – nem mesmo ao seu confidente Nessir, ouvinte que permanecerá sempre em silêncio (talvez porque seja inútil tentar convencer Usbek do contrário?). Ademais, verifica-se que ele não faz, na prática, nenhuma tentativa de alterar o funcionamento despótico de seu harém. Com efeito, embora tenha se tornado quase um lugar comum da crítica comentar a hesitação de Usbek em tomar uma atitude severa no harém – a edição erudita, por exemplo, salienta que “*Usbek avait déjà avoué son hesitation à sévir*” (OC I, 2004, p. 390, nota 6) –, cabe problematizar até que ponto essa suposta hesitação é confirmada pela diegese do “romance do serralho”.

Aqueles que argumentam que Usbek hesita longamente antes de agir, enviando somente em 1718 a carta 140 (148) que contém as sangrentas ordens destinadas ao Primeiro eunuco, costumam apoiar-se na carta 6, que Usbek enviara a Nessir em 1711. Nela, Usbek dizia o seguinte: “*n’aimerais-je pas mille fois mieux une obscure impunité qu’une correction éclatante?*”<sup>17</sup> (6: 73). Ora, vale atentar aqui para o uso significativo do condicional “*n’aimerais-je*” e o emprego da forma interrogativa, já que ambos indicam a incerteza de Usbek com relação a essa declaração cética. Usbek se pergunta se ele não preferiria a impunidade invisível à correção visível, mas sua atuação no harém aponta para o contrário. Afinal, ainda em 1712 (portanto, no início da trama),

---

<sup>16</sup> Sobre a ignorância de Usbek, ver Philip Stewart “*Toujours Usbek*” e Gianni Iotti “*L’ignorance d’Usbek*”, ambos de 1999, e cuja referência completa se encontra disponível para consulta na bibliografia.

<sup>17</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Eu mesmo não preferiria, mil vezes, uma impunidade obscura a um castigo evidenciado?” (2005, p. 19).

ele não hesitara em mandar executar o eunuco branco Nadir, que tinha sido encontrado a sós com sua esposa Zachi (20 [21]). No mais, se é bem verdade que ele sequer responde à carta 62 (64), de 1714, na qual o Primeiro eunuco negro solicitava plenos poderes no harém, pode-se argumentar que isso se deve ao fato de que Usbek não confia plenamente nele, conforme já sugeria a seguinte confissão da carta 6: “*je n’ai que des âmes lâches qui m’en repondent. J’aurais peine à être en sûreté si mes esclaves étaient fidèles: que sera-ce s’ils ne le sont pas?*”<sup>18</sup> (6: 72-73). Além disso, o caráter vingativo e sádico do Primeiro eunuco negro já fora evidenciado anteriormente pelo caso de Pharan, a quem Usbek agraciara, demonstrando que desconfiava das motivações secretas e das palavras persuasivas do chefe dos eunucos.

Tais elementos certamente justificam a hesitação de Usbek em conceder os plenos poderes ao Primeiro eunuco negro, gestor do serralho, mas não confirmam necessariamente a pretendida indecisão de Usbek em punir. Ao contrário, vê-se que ele não cederá quando sua esposa Zephis lhe pedir para guardar a escrava Zelide, com quem era acusada de ter um relacionamento impróprio, a seu serviço; tampouco poupara o eunuco branco Nadir da morte, quando soube que este último tinha sido flagrado na presença de Zachi; insistira para que os eunucos que o acompanhavam em sua jornada rumo ao Ocidente retornassem ao serralho para aumentar a segurança das mulheres que mantinha enclausuradas; e, quando finalmente inteirou-se da desesperadora – e possivelmente irremediável – situação do harém, enviara ordens severas e sangrentas ao Primeiro eunuco e, por fim, encarregara o sanguinário Solim de executar sua vingança. Diante das considerações expostas, observa-se que, nem a atuação de Usbek, nem o seu discurso, parecem colocar em questão o autoritarismo que exerce sob os membros integrantes do harém que ele deixou.

Outra ironia trágica que assola a trajetória de Usbek nas *Cartas persas* é justamente o seu exílio, que é – a princípio – uma estratégia para escapar ao despotismo do Príncipe persa e acaba por torná-lo um déspota no que concerne seu próprio serralho. Usbek, que despreza máscaras, não só se deixa enganar pela hábil dissimulação de sua

---

<sup>18</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “responsáveis por elas [mulheres do harém], só tenho algumas almas covardes. Dificilmente me sentiria seguro mesmo que meus escravos fossem fiéis. Como ficarei, se nem isso eles forem?” (2005, p. 19).

esposa preferida, Roxane, como ainda recorre à *flatterie*<sup>19</sup> – logo ele, que se vangloriava, na carta 8, de sua sinceridade – para assegurar-se, na carta 2, da fidelidade do Primeiro eunuco, a quem chama, de maneira laudativa, de “*gardien fidèle*”, engrandecendo sua função no harém por meio da seguinte declaração exagerada: “*tu es le fléau du vice et la colonne de la fidélité*”<sup>20</sup> (2, p. 66). Ademais, vale lembrar que a busca pelo conhecimento serve de justificativa pública para a viagem de Usbek. Ora, se Usbek expande efetivamente os limites de seu conhecimento ao viajar para a Europa conhecendo religiões e culturas diferentes das suas, a distância faz com que ele ignore tudo o que de fato se passa no interior de seu harém abandonado aos cuidados dos eunucos. Afinal, Usbek só pode ter uma ideia do que ocorre ali através do relato tão parcelar quanto de suas mulheres e eunucos – sendo que desconfia de ambos. Desse modo, a viagem de Usbek, que a princípio deveria ampliar seu conhecimento em geral, acaba restringindo-o, ao menos no que diz respeito ao serralho, em particular. Da mesma forma, o exílio, que visava a preservá-lo do despotismo vigente na corte persa, exacerba nele os traços de um déspota. Assim, conclui-se que as promessas iniciais da viagem se invertem tragicamente ao longo do romance uma vez que Usbek, tendo sede de conhecimento e pretendendo escapar do despotismo, acaba ignorando o que se passa em seu próprio harém onde atua – talvez sem nem mesmo dar-se conta disso – como um verdadeiro déspota.

A dor do exílio provocada pela separação com a terra natal atormenta Usbek desde sua partida. Ao partir, ele confessa a Nessir, ainda em 1711, que sentiu uma “*douleur secrète quand j’ai perdu la Perse de vue*”<sup>21</sup> (6, p. 72, negrito nosso). Nesse momento inicial, “*ma patrie, ma famille, mes amis se sont présentés à mon esprit*”<sup>22</sup> e uma certa inquietação vem perturbá-lo, de tal modo que Usbek percebe que sua audaciosa empreitada não o deixará tranquilo: “*une certaine inquiétude a achevé de me troubler, et m’a fait connaître que pour mon repos j’avais trop entrepris*”<sup>23</sup> (6, p. 72).

---

<sup>19</sup> Sugestão de tradução: bajulação.

<sup>20</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “És o flagelo do vício e a coluna da fidelidade” (2005, p. 16).

<sup>21</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “senti uma dor secreta quando perdi a Pérsia de vista” (2005, p. 19).

<sup>22</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Minha pátria, minha família, meus amigos se apresentaram a meu espírito” (2005, p. 19).

<sup>23</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “uma vaga inquietação terminou por me perturbar e fez-me perceber que me atrevi a fazer coisas que me privarão do repouso” (2005, p. 19).

Segundo revela, sua preocupação se concentra nas mulheres do harém: “*ce qui afflige le plus mon coeur, ce sont mes femmes: je ne puis penser à elles que je ne sois dévoré de chagrins*”<sup>24</sup> (6, p. 72). Ele explica logo em seguida que não sente amor por elas, porém, é atormentado pelo ciúme doentio:

Ce n’est pas, Nessir, que je les aime: je me trouve à cet égard dans une insensibilité qui ne me laisse point de désirs. Dans le nombreux sérail où j’ai vécu, j’ai prévenu l’amour, et l’ai détruit par lui-même; mais de ma froideur même il sort une jalousie secrète qui me dévore<sup>25</sup> [...] (6, p. 72).

Essa citação revela que Usbek não sente amor, nem tampouco desejo, por suas mulheres, apenas ciúmes. Cumpre analisar agora as implicações do trecho citado acima. Cabe lembrar que, de acordo com Jean Goldzink, o ciúme é essencialmente *medo* somado à *vaidade* (GOLDZINK, 2001, p. 37). Dessa forma, o ciúme excessivo de Usbek revela mais um aspecto contraditório de sua personalidade: ele é ao mesmo tempo vaidoso e profundamente inseguro. A vaidade de Usbek pode explicar sua ingenuidade ao interpretar equivocadamente as ações de Roxane como manifestações de seu amor por ele. O amor próprio de Usbek torna-o cego fazendo com que ele não se dê conta de que está suscitando ódio e não amor em sua nova – e, ironicamente, favorita – esposa. Paradoxalmente, Usbek desconfia tanto das mulheres quanto dos eunucos e teme, não só ser traído, mas que essa traição seja publicamente exposta, de modo que diz preferir a “obscura impunidade” ao “castigo evidenciado” (6). O que significa que aparências contam, sim, para Usbek. As cartas de Usbek a Nessir revelam a desmedida de seu ciúme próximo da obsessão. A tal ponto que ele declara solenemente que, se voltar ao harém, “*j’y porterai tous mes soupçons; leurs empresses ne m’en déroberont rien: dans mon lit, dans leurs bras, je ne jouirai que de mes inquiétudes;*

<sup>24</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “o que mais me aflige o coração são minhas mulheres: não posso pensar nelas sem me sentir tomado de aflição” (2005, p. 19).

<sup>25</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Não é que as ame, Nessir: a este respeito me encontro numa tal insensibilidade que não resta espaço para os desejos. No serralho tão numeroso em que vivi, impedi que o amor afluísse, sempre usei, para destruí-lo, os prazeres que ele mesmo proporciona; mas de minha própria frieza nasce um ciúme secreto, que me devora” (2005, p. 19).

*dans un temps si peu propre aux réflexions, ma jalousie trouvera à en faire*<sup>26</sup> (147 [155]: 400).

Segundo diz, o ciúme desmedido é a única paixão que ele sente com relação às suas mulheres. De fato, Usbek se declara “insensível” aos charmes de suas mulheres afirmando categoricamente não as amar, nem sequer as desejar – razão pela qual Jean Starobinski fala em “frieza blasée em matéria amorosa” (STAROBINSKI, 2001, p. 98). *Blasé* é um termo interessante, já que a frieza de Usbek decorre, segundo ele próprio avalia, do número excessivo de mulheres: “*Dans le nombreux sérail où j’ai vécu, j’ai prévenu l’amour, et l’ai détruit par lui-même*”<sup>27</sup> (6, p. 72). Com efeito, Laurent Versini comenta que justamente “por conta da pluralidade, o harém talvez seja o melhor remédio contra os tormentos da paixão”<sup>28</sup> (VERSINI, 2011, p. 9). A própria pena de Usbek analisa o regime poligâmico na carta 110 (114), afirmando que “*je ne trouve rien de si contradictoire que cette pluralité de femme permise par le saint Alcoran et l’ordre de les satisfaire par le même livre*”<sup>29</sup> (110 [114], p. 304).

Cabe notar que essa carta que critica a poligamia é datada do dia 16 de outubro de 1718, o que significa que o mestre não somente já recebera as notícias alarmantes enviadas pelo Primeiro eunuco em 139 (147) (1º de setembro de 1717), como até já respondera à missiva concedendo-lhe os plenos poderes em fevereiro de 1718. Em sua crítica, Usbek menciona uma analogia singular que o Alcorão faz com as mulheres, segundo a qual mulheres seriam tão indispensáveis ao homem quanto vestimentas. Dito isso, Usbek pergunta-se, então, se: “*Celui qui a les quatre femmes établies par la Loi, et seulement autant de concubines que d’esclaves, ne doit-il pas être accablé par tant de vêtements?*”<sup>30</sup> (110 [114], p. 304). Assim, Usbek critica “*ce grand nombre de*

<sup>26</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Levarei, a eles, minhas suspeitas. Suas carícias não conseguirão apagá-las. Na cama ou em seus braços, de nada gozarei, a não ser de minhas inquietações. Nos momentos mais impróprios para a reflexão, de tanto ciúme não cessarei de pensar” (2005, p. 223).

<sup>27</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “No serralho tão numeroso em que vivi, impedi que o amor aflorasse; sempre usei, para destruí-lo, os prazeres que ele mesmo proporciona” (2005, p. 19).

<sup>28</sup> No original: “*Le harém est peut-être le meilleur remède, par la pluralité, contre les tourments de la passion*”.

<sup>29</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Nada me parece tão contraditório quanto a permissão, que nos dá nosso sagrado Alcorão, para que tenhamos várias esposas, e a ordem de satisfazê-las todas, contida neste mesmo livro” (2005, p. 160).

<sup>30</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Quem tem as quatro esposas autorizadas pela Lei, ou apenas o mesmo número em concubinas ou escravas, não se sentirá esmagado sob o peso de tantas vestes?” (2005, p. 161).

*femmes*<sup>31</sup> estimando que ele é “*plus propre à nous épuiser qu’à nous satisfaire*”<sup>32</sup>, de tal modo que “*il est très ordinaire parmi nous de voir un homme dans un sérail prodigieux avec un très petit nombre d’enfants;*”<sup>33</sup> (110 [114], p. 305). De fato, no serralho das *Cartas persas*, menciona-se apenas uma filha de Usbek, o que sugere que ele tenha poucos filhos. Assim, Usbek argumenta que o grande número de mulheres esgota o homem em vez de satisfazê-lo, o que explica a baixa natalidade dos haréns orientais. Dessa forma, entende-se que “a pluralidade de mulheres exige um dispêndio inconsiderado de energia viril que faz do mestre do serralho o equivalente de seus eunucos”<sup>34</sup> (MARTIN, 2013: 25). Alain Grosrichard propõe mais uma explicação para a “insensibilidade” de Usbek com relação às mulheres, analisando que “a paixão física conduz ao despotismo de um sexo sobre o outro e termina se corrompendo e se transformando em indiferença pelo outro sexo” (GROSRICHARD, 1988, p. 59). Note-se ainda que a insensibilidade de Usbek é sinalizada tanto por Zelis quanto por Zachi, a qual observa que “*il semble que l’amour respire dans le sérail, et ton insensibilité t’en éloigne sans cesse; ah, mon cher Usbek, si tu savais être heureux !*”<sup>35</sup> (3, p. 70, grifos nossos).

Conforme o tempo e a distância aumentam, o desconforto e a inquietação de Usbek, preocupado com a segurança do serralho, só se acentuam. Quando ele finalmente chega a Paris, Usbek declara a Nessir, na carta 25 (27) (datada de outubro 1712), que não se sente bem: “*je ne me porte pas bien. Mon corps et mon esprit sont abattus, je me livre à des réflexions qui deviennent tous les jours plus tristes; ma santé s’affaiblit, me tourne vers ma patrie, et me rends ce pays-ci plus étranger*”<sup>36</sup> (25 [27], p. 117

<sup>31</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “o grande número de mulheres” (2005, p. 161).

<sup>32</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “mais adequado para nos esgotar que para nos contentar” (2005, p. 161).

<sup>33</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Entre nós é muito comum ver um homem, senhor de um harém prodigioso, com um pequeníssimo número de filhos” (2005, p. 161).

<sup>34</sup> No original: “*la pluralité des femmes exige une dépense inconsiderée de l’énergie virile qui fait du maître du sérail l’équivalent de ses eunuques*”.

<sup>35</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “parece que o amor respira no serralho, e tua insensibilidade te afaste dele mais e mais! Ah! meu querido Usbek, se soubesses ser feliz” (2005, p. 17).

<sup>36</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “não me sinto tão bem: estou abatido de corpo e mente; entrego-me a reflexões que a cada dia que passa se tornam mais tristes; minha saúde, que se debilita, faz-me pensar na pátria e aumenta a estranheza que me causa este país” (2005, p. 47).

grifos nossos). Enfim, ao final do romance, Usbek revela a Nessir a catastrófica situação de seu harém em 1719, chegando à seguinte conclusão: “*mais quelque raison que j’aille eu[e] de sortir de **ma patrie**, quoique je doive ma vie à ma retraite, je ne puis plus, Nessir, rester dans cet **affreux exil***”<sup>37</sup> (147 [155], p. 398, grifos nossos).

A carta 147 (155), escrita em 4 de outubro de 1719, desenvolve todo sofrimento que o “atroz exílio” causa a Usbek, como ilustra o relato no qual descreve seu estado melancólico da seguinte maneira: “*je vis dans un climat **barbare**, présent à tout ce qui m’importune, **absent** de tout ce qui m’intéresse; une **tristesse sombre** me saisit; je tombe dans un **accablement affreux**; il me semble que **je m’anéantis***”<sup>38</sup> (147 [155], p. 398, grifos nossos). Note-se como o nível do vocabulário empregado é elevado, indicando que o assunto é tratado com seriedade. As interjeições – como “***Malheureux que je suis!***”<sup>39</sup> (147 [155], p. 398, grifos nossos) – salientam o *páthos* dessa triste carta em registro elegíaco. Ela se abre com uma canção de exílio através da qual ecoa – além da nostalgia de Usbek – um antigo verso de Joachim Du Bellay. Com efeito, a abertura dessa carta é a seguinte: “***Heureux celui qui, connaissant le prix d’une vie douce et tranquille, repose son cœur au milieu de sa famille, et ne connaît d’autre terre que celle qui lui a donné le jour!***”<sup>40</sup> (147 [155], p. 398), retomando a primeira estrofe do saudoso poema que remonta ao século XVI e se inicia assim: “***Heureux qui comme Ulysse, a fait un beau voyage / [...] Puis est retourné, plein d’usage et raison, / Vivre entre ses parents le reste de son âge***”.

Apesar de toda a nostalgia que se desprende dessa carta, o desejo de Usbek não lhe parece de todo sensato, pois ele reconhece o perigo que corre ao retornar à Pérsia: “*Je souhaite de revoir ma patrie, peut-être pour devenir plus malheureux encore! Eh qu’y ferai-je? Je vais rapporter ma tête à mes ennemis*”<sup>41</sup> (147 [155], p. 399). Além

<sup>37</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Embora tivesse razões para deixar minha pátria, embora só deva a vida a meu distanciamento, não consigo mais, Nessir, viver neste atroz exílio” (2005, p. 222).

<sup>38</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Estou vivendo num clima bárbaro, vendo tudo o que me importuna, nada tendo do que me interessa. Uma sombria tristeza se apodera de mim; sinto-me esmagado por um peso atroz: parece-me que cesso de existir” (2005, p. 222).

<sup>39</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Infeliz que sou!” (2005, p. 222).

<sup>40</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Feliz aquele que, conhecendo o verdadeiro valor de uma vida agradável e tranqüila, repousa o coração no seio da família e não conhece outro país além do que lhe deu a vida!” (2005, p. 222).

<sup>41</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Desejo rever minha pátria, talvez para me tornar ainda mais infeliz! Ah, mas o que fazer? Levarei minha cabeça aos inimigos” (2005, p. 222).

disso, a situação do serralho, embora faça com que seu retorno lhe pareça necessário, não lhe é prazerosa, ao contrário, ele considera que: “*J’irai m’enfermer dans des murs plus terribles pour moi que pour les femmes qui y sont gardées*”<sup>42</sup> (147 [155], p. 399). A despeito do que diz Usbek nesta carta, em que afirma que irá retornar, nenhum elemento das *Cartas persas* permite confirmar que sua decisão se concretizou. Afinal, convém lembrar que a carta 138 (146) (última carta do ponto de vista cronológico do romance), datada de novembro de 1720 – isto é, mais de um ano após a carta 147 (155) escrita em 4 de outubro de 1719 –, parte de Paris. Ora, uma vez que o prazo normal para o recebimento de uma carta vinda da Pérsia é de aproximadamente 5 meses e meio, é provável que, em novembro de 1720, Usbek já tenha recebido as últimas cartas do serralho – de Solim e Roxane – ambas datadas do dia 8 de maio de 1720, ou seja, enviadas seis meses antes. Se esta hipótese for verdadeira, a carta 138 (146) mostraria que Usbek sobreviveu às terríveis notícias que narram a tragédia final do seu harém, a saber, a descoberta do adultério de Roxane, que assassina os eunucos para vingar-se da morte de seu amante e se suicida logo em seguida.

Dentro dessa perspectiva, cumpre examinar, portanto, a carta 138 (146), que Usbek destina a Rhédi. Nela, Usbek reflete acerca dos efeitos da corrupção e da injustiça usando como exemplo o caso da Índia. Ele conta que viu ali “*les hommes les plus vertueux faire des choses indignes, et violer dans toutes les occasions de leur vie les premiers principes de la justice sur ce vain prétexte qu’on la leur avait violée*”<sup>43</sup> (138 [146], p. 389). É possível reler esta carta à luz dos acontecimentos finais do serralho e interpretar que o discurso dessa missiva se aplica também ao caso de Usbek. Afinal, ele próprio não cometeu injustiças da mesma forma que aqueles que “*appelaient des lois odieuses en garantie des actions les plus lâches, et nommaient nécessité l’injustice et la perfidie*”<sup>44</sup> (138 [146], p. 390)? Entretanto, nenhum elemento da carta permite afirmar que Usbek teria feito essa relação ao escrever essas sábias palavras, de modo

---

<sup>42</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “Irei prender-me dentro de muros mais terríveis para mim do que para as mulheres que eles guardam” (2005, p. 223).

<sup>43</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “os mais virtuosos também começavam a cometer ações indignas e a violar os princípios supremos da justiça, sob o falso pretexto de terem sido eles próprios injustiçados” (2005, p. 216).

<sup>44</sup> Na tradução de Renato Janine Ribeiro: “invocavam leis odiosas para justificar as ações mais covardes, e davam o nome de *necessidade* à injustiça e à perfídia” (2005, p. 216).

que não se sabe se ele de fato tira alguma lição dos trágicos acontecimentos ocorridos em seu harém. Além disso, vale dizer que essa carta, por conta da posição na qual se insere, funciona de maneira independente à trama do serralho, podendo ser lida como uma simples crítica ao desvirtuamento dos valores humanos. Seja como for, a conclusão dessa carta – por conseguinte, das *Cartas persas* também – oferece um balanço pessimista e negativo, apontando para o “*affreux néant*” do momento presente, vazio. Com essas últimas palavras, Usbek, que já se sentia “*anéanti*” – reduzido ao nada –, encerra sua participação nas *Cartas persas*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- STEWART, P. (Ed.). *Lettres persanes*. Paris: Classiques Garnier, 2013. (Littératures francophones).
- MONTESQUIEU. *Cartas persas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2005. Tradução de Renato Janine Ribeiro.
- VOLPILHAC-AUGER, C.; EHRARD, J. (Ed.). *Lettres persanes: introductions générales de l'édition*. Oxford: Voltaire Foundation, 2004. (Œuvres complètes de Montesquieu, 1).
- GROSRICHARD, A. *Estrutura do Harém: despotismo asiático no ocidente clássico*. Tradução de Lydia H. Caldas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MARTIN, C. “Usbek *in absentia* ou le sérail sans maître”. In: *Les lettres persanes en leur temps*. Paris: Classiques Garnier: 2013, pp. 11-27.
- SCHNEIDER, J.-P. “Les jeux du sens dans les *Lettres persanes*: temps du romans et temps de l’Histoire”. In: *Revue Montesquieu*, nº 4, 2000. pp. 127-159.
- STAROBINSKI, J. *Le Remède dans le mal*. Critique et légitimation de l’artifice à l’âge des Lumières. Paris: Gallimard, 1989, pp. 91-121.

\_\_\_\_\_. *As Máscaras da Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução de Maria Lucia Machado.